

João Gilberto Noll

EDUCAÇÃO NATURAL

1ª edição



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2022

## *Nota do organizador*

Os 26 contos deste livro me foram confiados por Luiz Fernando Noll. Eles se encontram no computador de João Gilberto Noll, reunidos numa pasta de arquivos intitulada “Contos não enviados”. Esta, por sua vez, figura junto a uma pasta intitulada “Contos para A máquina de ser”, que contém 24 arquivos: os 24 contos que compõem o livro *A máquina de ser*, publicado pela Editora Nova Fronteira em setembro de 2006.

As datas de modificação dos arquivos das duas pastas, em sua maioria, também são do ano de 2006 (nunca posteriores a julho). Isso indica que os contos dessas pastas foram vistos/revistos por João na mesma época, e também que ele não os alterou depois disso. Provavelmente trabalhou neles e escolheu, entre todos, os que acabaram por formar a coleção de 2006, separando os restantes na pasta “Contos não enviados”. Todos esses cinquenta contos levam o nome do autor abaixo do título, o que parece indicar que ele os tinha por prontos, assinando-os.

Diferentemente do que acontece na pasta com os contos do livro já publicado, onde os títulos dos arquivos

estão numerados na ordem que Noll fixou para a coletânea, os contos da pasta “Não enviados” não estão numerados e não permitem determinar qualquer intenção do autor sobre sua disposição num eventual livro. Ter conhecido Noll, ter conversado com ele sobre literatura e sobre a vida, sobretudo tê-lo lido com profundo encanto e sobressalto me dá a esperança de que os constelo aqui em correspondência ao que teria sido atraente para ele, e também à confiança que me conferiu seu irmão Luiz, a quem sou grato.

A iniciativa de incluir o romance inacabado de Noll neste volume de inéditos partiu do editor Rodrigo Lacerda. A versão que apresentamos baseia-se no arquivo “Abri a janela e vi um lençol branco balançando com a brisa da manhã.doc”, que é a primeira frase do documento. No cotejo com outros arquivos de texto do computador de Noll, a ausência de título parece indicar que são escritos em que ele ainda estava trabalhando. Esses arquivos não intitulados não estão assinados com o nome do autor. A versão manuscrita do romance inacabado, anterior ao texto que apresentamos, foi doada em 2021 ao acervo do Instituto Moreira Salles por Luiz Fernando Noll.

EDSON MIGRACIELO

# CONTOS

## CONTEMPLAÇÃO

**D**e uma só vez ele olhou tudo. Poderia ter dado um tempo para coçar a cabeça, ou respirar de olhos fechados, voltando, logo depois, à varredura da paisagem. Pois excelente ângulo ele tinha, foco bem-definido, vontade... Mas naquele mirante, com o vale a seus pés, apreciou tudo de uma tacada só. Num segundo instante ficou meio sem graça, feito tivesse ido com demasiada sede ao pote. E agora, o que diria para o amigo administrador da fazenda, que o tinha levado até aquelas alturas para que soubesse compor com o que ele, o criador de gado, afirmava como a “visão do Paraíso”?

Sim, este até não precisava ansiar tanto assim a vista, pois fora criado lá mesmo, um verdadeiro guri do mato. O novato no vale, porém, precisava se transfigurar com o ardor da visita magnífica. Os dois sabiam em silêncio. Ambos queriam assim.

Ele acabou se virando para trás, onde supunha estar a postos o criador seu amigo que lhe trouxera até ali para que este na pele de visitante pudesse transpirar

inteiro na travessia da contemplação, ficar com o coração na boca. Virou-se: ninguém. Ah, ouviu de uns seres feito anjos a sobrevoarem a região, esmaecidos, talvez à procura de uma forma para enfim poderem aterrissar, ouviu suas vozes num bater de asas todo modulado, ouviu que o fazendeiro se escondera atrás de uma rocha das alturas, logo à esquerda, para surpreender de súbito o encantamento do outro. Ele se virou de fato e não viu outra figura no cume da montanha. Só mesmo os arbustos rasteiros do lugar... E a rocha. Onde estaria o amigo nativo daquela beleza?

Beleza? Se a noção de beleza pudesse resultar desse enfrentamento espantosamente desigual com a imensidão... Beleza? Se tudo o que a gente devesse imaginar para além do alcance humano se materializasse ali, de uma só vez, sem qualquer indício de extravasamento, sem o atropelamento da contemplação por algum vício de linguagem ou de uma pífia tradução da experiência frente ao vale interminável e tal... Beleza? Não. Só contemplação e pronto. Pobre da câmera fotográfica ou de cinema que buscasse se espelhar naquela paisagem para se enaltecer, ainda mais com a desorientação já evidente ali, pois um amigo procurava pelo outro seu semelhante para ter onde se apoiar, se socorrer através de suas medidas talvez referendadas na pele do outro, mas sem qualquer confissão, insisto, ou desejo de expressar... Fugir daquelas dimensões assustadoras, recorrendo apenas aos laços infra-humanos entre os dois... Em vão. Mesmo atrás da rocha aquele que procurava o

amigo que se desencontrava talvez gravemente dele não viu sinal do outro — apenas um descomunal rastro fossilizado numa superfície mais mineral do que de terra.

Apenas. Vivíamos ali havia quantos e quantos séculos atrás? O homem ajoelhou em cima do que para ele poderia se constituir na pegada de outra era para vê-la de muito mais perto, tocando-a como ele fazia agora, bem devagar, como se o toque lhe devolvesse a textura de um passado tão indeterminado quanto era na altura a sua vida, sem datas próprias a comemorar...

Que dia é hoje?, ele se perguntou. E cuspiu uma porção espumosa que mais parecia encorpada baba do que mera saliva. Parecia que ele estava se dissolvendo em baba, tal a quantidade do líquido que lhe escapava pela boca. Para onde estou indo? Ou não quero identificar aqui a morte...?, pegando-me justamente sem uma terceira mão para agarrar, eu agora contando só comigo mesmo em minhas derradeiras forças atrás dessa rocha a parecer os bastidores na preparação da cena que ainda não consigo prever? Hein?, responde, meu amigo, irmão...! Confuso...? Já vou te deixar dormir de novo, espera!

E a própria pegada já se dissolvera no escuro. Então o homem levantou-se e começou a falar feito um fantasma: Meu amigo sumiu, me abandonando aqui nesse noturno de uma terra onde me vejo pela primeira vez...

O homem que não era dali, sim, este mesmo, cuspiu em cima da pata do que deveria ser agora o rastro de um animal impossível de conviver com corpos da esta-

tura humana por exemplo; cuspiu de fato ou escarrou, melhor dito, sobre esse rastro gigantesco e pôs-se a caminhar com uma pressa em verdadeira danação, a caminhar para o planalto oposto ao vale pois é, como se devesse mesmo fugir dali em direção ao fundo de onde ele viera com o amigo fazendeiro. Horas atrás?

Veio-lhe uma casa à margem da trilha. Por fora não parecia ser mais do que uma tapera. Mas vinha uma luz quase feérica da vidraça e por suas mil frestas escoava uma Édith Piaf para ninguém desmentir que havia vida humana ali dentro. Havia sim. Pois ele aproximou-se da porta e bateu palmas. Um pouco como alguém que faz esse barulho com as mãos para avisar ao dono do lugar que esse que chega é gente boa, de paz. Um outro tanto como um forasteiro que pretende demonstrar de pronto uma identificação com a música daquele ambiente tão entregue a si mesmo... E ele começava a se sentir tão abandonado diante de uma sorte amorosa qualquer, numa destinação tão à deriva, que voltou ao pouco que aprendera de francês na adolescência para chegar mais perto do senso prioritário naquele tom dramático...

E forçou, abriu a porta. Entrou, não viu ninguém por enquanto... Piaf vinha com um megassucesso, “La vie en rose”... Ele não pôde deixar de tremer a pálpebra diante daquela utopia amorosa... E caiu de costas no piso do que seria a sala. Isso lhe vinha acontecendo com certa frequência. Seu médico chamava a ocorrência de queda súbita, por ser esta mais breve do que a do desmaio. De repente ele caía como agora. Geralmente

feria a traseira da cabeça. Mas dessa vez, quando voltou à tona, passou os dedos da mão canhoto na parte de trás da cabeça e eles não retornaram com sangue. Naquela noite ele queria aproveitar um pouco da vida, ainda não sabia como, com quem, até que horas. Esta queda súbita não lhe deixara mazelas maiores. Apenas uma leve dor de cabeça e o desconforto normal de ter estado por minutos longe da parada... Como sempre, não apanhara nenhum tesouro da ausência...

Viu que havia um quarto com um abajur onde peixes dançavam na cobertura da lâmpada feito aparecessem na superfície de um aquário. Passavam nessa coreografia salmões, alguns cor de pêssego, laranja, amarelos, creme... Ele olhava essas criaturas dançarinas como se descobrisse os primeiros sinais da variedade do mundo. Uma criança dominada por outras espécies, como se num contato realmente inaugural...

Seus olhos passaram a olhar mais detidamente para outras zonas do quarto, ah, ali estava uma cama de casal ocupada agora por um corpo de mulher. Ele se aproximou... ela não abria os olhos, nem assim, a poucos palmos da arfante respiração dele. Um homem lhe faria bem, ele pensou desatinado, como se já soubesse desde muito antes o seu próximo passo diante da aparição dessa sonífera imagem —, de quimono meio aberto, deixando a visão de um seio sem dúvida bem túmido, como se à espera... Então ele foi ali e devorou-o. Depois olhou os lábios entreabertos dela. E no trajeto em direção à boca suas pupilas buliçosas pararam e escaparam para

a cabeceira onde repousava a foto de um homem — sim, de fato, quem estava ali era o seu amigo fazendeiro naquelas regiões, o amigo que lhe fugira horas atrás... ou havia meses, anos? Hein?

Você voltou?, ela murmurou sem abrir os olhos...

Sim, de novo, respondi.

E ela então, enquanto era beijada, passou a mão entre os dois corpos e abriu mais, com decisão, o seu quimono de norte a sul. A mão do homem foi deslizando pela estrada que ela ia abrindo para demonstrar seu corpo. Até que as duas mãos se encontram num ponto do caminho. E ele percebe que ali poderá deixar sua mão brincando, explorando pelo tempo necessário... Pois ela não tem pressa. O visitante olha mais uma vez para a fotografia do amigo. Os dois homens parecem sorrir um para o outro...